

# ÍNDICE

- 06 **CRUZAMENTOS DE CAMINHOS, DE PESSOAS E DE VIDAS** José Moças (TRADISOM)
- 08 **GIACOMETTI SALVOU-NOS A ALMA** Nuno Pacheco (Director-adjunto do PÚBLICO)
- 10 **MICHEL-MARIE GIACOMETTI: APRESENTAÇÃO** Paulo Lima
- 12 **VOLUME 01: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 18 **CONVERSAS COM... ALFREDO TROPA: REALIZADOR DE POVO QUE CANTA**
- 21 **FIGURA: MARIA INÉS, MESTRA DA FESTA DA SANTA CRUZ**
- 24 **MICHEL GIACOMETTI: POVO QUE CANTA NÃO PODE MORRER** Adelino Gomes
- 42 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 54 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**





# POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

1.ª Série | Episódios 1 a 4

Gravação: 1970. Abril [1.ª campanha]

Transmissão na RTP: 1971. Agosto-Setembro

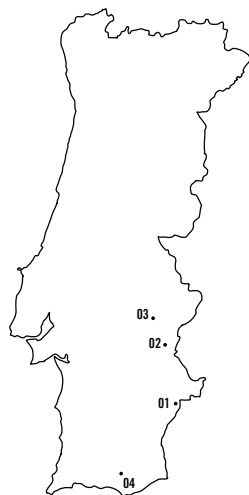
## LOCAIS

**01.** Beja. Serpa, Vila Verde de Ficalho: PEDREIRA

**02.** Évora. Alandroal, Santiago Maior: VENDA

**03.** Évora. Estremoz, SÃO BENTO DO AMEIXIAL

**04.** Faro. Loulé, SALIR



## TEXTOS/ EPISÓDIOS

**TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO 1.º PROGRAMA**

**FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO MUSICAL EM VILA VERDE DE FICALHO**

[Beja. Serpa, Vila Verde de Ficalho: PEDREIRA]

Data de transmissão: 1971. Agosto. 09

**A FESTA DA SANTA CRUZ NA ALDEIA DA VENDA**

[Évora. Alandroal, Santiago Maior: VENDA]

Data de transmissão: 1971. Agosto. 23

**FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO EM SALIR**

[Faro. Loulé, SALIR]

Data de transmissão: 1971. Setembro. 06

**ORAÇÃO DAS ALMAS EM SÃO BENTO DO AMEIXIAL**

[Évora. Estremoz, SÃO BENTO DO AMEIXIAL]

Data de transmissão: 1971. Setembro. 20

## OBSERVAÇÕES

Nos primeiros quatro episódios, gravados na segunda metade do mês de Abril de 1970, durante a 1.ª campanha, são editados fragmentos dos inquéritos efectuados nas regiões do Algarve, do Baixo e do Alto Alentejo.

Cada um destes episódios, o que de futuro não será uma norma, trata uma só localidade. Antecede os textos, cuja leitura pertencerá sempre a Celeste Amorim, uma introdução. É um curto texto sobre regressos e vontades de reconstituir um arquivo. Importa voltar a ele no fim deste percurso.

No primeiro episódio, onde se arquiva e edita um canto de afago e incitamento, mais do que divulgar um canto de trabalho, Giacometti explica como se deve proceder a um inquérito: uma caracterização, uma entrevista, a recolha no local e em contexto, o mostrar o equipamento (gravadores, microfones, câmaras...).

É um episódio complexo, o mais curto de todos, que apenas serve de apresentação. O etnólogo apresenta-se a si e ao seu método.

É também o início de uma exposição demorada, em cada episódio, do etnólogo, que não teme mostrar-se. Entre o povo. Por vezes em dificuldade. Atente-se à entrevista.

A gravação é feita num ferragal próximo de Vila Verde de Ficalho, e António de Assunção Lopes surgirá mais tarde integrado no grupo coral desta localidade. Aí de barba feita, banho tomado e roupa de domingo. Já sem o irmão.

O segundo episódio regista uma festa, a Festa da Santa Cruz, que ainda hoje se levanta na aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, Alandroal. Esta festa, ou melhor, o Cântico ao Horto das Oliveiras, acontece a 3 de Maio.

Michel Giacometti, que em 1967 fez inquéritos na região sacaia e em Monsaraz, onde gravou este cântico religioso, contribuirá com dinheiro para que esta festa se realize e se possa gravar.

Contou neste projecto com o apoio do Círculo Cultural de Estremoz, fundado após o fecho do Cineclube de Estremoz: Aníbal Falcato, Armando Carmelo, Joaquim Vermelho, entre outros, serão apoios importantes. Esta amizade advirá, pois, de relações cineclubistas,

mas também da presença de uma figura muito importante: Gustavo Marques, um arqueólogo e arquitecto que o levou a conhecer os Bonecos de Santo Aleixo, cinco anos antes. Esta festa, uma festa de fronteira, parece ter a sua origem na Batalha do Salado e dela ser eco. O texto cantado é uma *silva* com fragmentos de diversas origens. A cruz que se levanta é cópia do relicário que existe na igreja de Vera Cruz (Portel), e onde se guarda, e cultua, uma das mais antigas relíquias do *lignum crucis* conhecidas na Península Ibérica. O terceiro episódio parece ter, na sua base, a intenção de gravar música instrumental em Salir, uma flauta de cana. José de Sousa já fora gravado oito anos antes por Giacometti. As gravações, que ocorreram no castelo, tiveram um participante extra: António Rosa Assunção, das Barrosas, lugar próximo de Salir. Este homem, caçador de profissão, poeta, improvisador, tocador de guitarra e fadista, esmagará com a sua presença o calmo José de Sousa.

Um dos aspectos mais interessantes deste episódio é o riso. Quem hoje se riria destas estórias?

O quarto episódio reconstitui um canto hoje perdido, e na altura já desfuncionalizado. Se aqui e além, quase sempre sustentados por instituições folclóricas, ainda se ouvem estes cantos pertencentes aos 12 dias. Apenas um homem, que já não pode cantar o conhece. Era também o único lugar onde o resultado do peditório revertia para a igreja. Há cerca de cinquenta anos ainda se juntou dinheiro para comprar uma cruz de latão para acompanhar os mortos, que a velha estava gasta do uso.

Ainda foi levantada esta oração a seguir ao 25 de Abril, através da vontade do Professor Joaquim Vermelho.

Também este episódio teve o apoio do Círculo Cultural de Estremoz.

## TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO 1.º PROGRAMA

Para apresentar esta série de programas, escreve Michel Giacometti:

— Parece-nos de interesse colectivo definir o espírito e a orientação, assim como os limites do programa a que quisemos dar o título genérico “Povo que Canta”.

No momento histórico em que a lenta desagregação da nossa velha cultura de tradição oral se processa em termos violentos — a industrialização necessária, as migrações internas e externas, as comunicações de massa, no seu conjunto, impelindo o nosso povo para um novo tipo de cultura, com características cosmopolitas — afigura-se-nos útil e necessário que, sem compromisso de qualquer espécie, recorramos a meios técnicos indispensáveis, como são os meios audiovisuais, para enriquecer, no sentido de uma melhor objectividade, alguns documentos por nós recolhidos a partir de 1960.

Neste regresso às fontes da inspiração popular, a RTP, na nossa companhia, recolheu para o presente e para as gerações futuras as Vozes e as Imagens que constituirão como que uma pequena antologia da nossa música regional.

É óbvio que os inquéritos musicais apresentados no decurso dos nossos programas serão necessariamente fragmentados, embora tivessem sido conduzidos segundo um método, de certo modo intensivo, que obrigou o investigador a uma recolha de dados amplos, no plano psico-sociológico, e cuja análise posterior permitirá definir melhor a fisionomia musical do nosso povo.

Nestes programas limitar-nos-emos a uma apresentação sóbria e discreta da realidade musical, e em termos que permitam a sua apreensão por parte do maior número de espectadores. Fugiremos decerto à teorização e aos efeitos fáceis, para restituir, na sua candura e na sua rudeza mesma, as vozes e as imagens recolhidas de surpresa e sem as frequentes distorções a que são sujeitas.

Se conseguirmos o nosso propósito, ficaremos com a consciência de, embora modestamente e com as limitações que nos são próprias, termos contribuído para uma aproximação mais directa da nossa tradição musical e para a salvaguarda de algumas parcelas mais significativas desta tradição. Consequentemente, teremos contribuído, talvez, para

a desmistificação de imagens estereotipadas e de ideias feitas quanto ao conteúdo e à função do nosso folclore na sociedade portuguesa, num dado momento da sua história. Nestes programas, empregaremos frequentemente a expressão “música regional” no sentido da música folclórica. A palavra “folclore”, e não apenas entre nós, esvaziou-se do seu conteúdo original, e de tal maneira que o seu emprego conduz a confusões inegáveis. Limitaremos portanto o seu uso à estrita necessidade. O programa “Povo que Canta”, realizado por uma equipa de especialistas utilizando meios técnicos modernos, não é uma produção de estúdio, mas sim de longas caminhadas pelo campo fora, de duro esforço quotidiano, em que dificuldades de toda a ordem devem ser resolvidas no momento e com um espírito de sacrifício que corresponde ao sacrifício do povo que nos consagra horas roubadas ao trabalho do dia e ao descanso da noite.

Que os espectadores não se surpreendam, se por vezes, as vozes ferem os ouvidos, se os instrumentos desafinam, se a inspiração vacila: o povo exprime-se como sabe e como pode e, frequentemente, exprime-se com uma tal beleza que levou Bela Bartok a dizer: “Não nos cansemos nunca de ouvir as velhas melodias rústicas, tão claras elas são, tão simples e de uma objectividade clássica. No meu entender, são modelos da mais alta perfeição artística, pela maneira como exprimem um pensamento musical, mediante os recursos mais modestos e mais inteligíveis.»



## 1.º PROGRAMA

### FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO MUSICAL EM VILA VERDE DE FICALHO

Baixo Alentejo — 9 de Agosto de 1971



#### 1.ª Parte: “A Moda da Lavoura”

1. Estamos nas proximidades de Vila Verde de Ficalho, freguesia de cerca de 2 500 habitantes do concelho de Serpa, distrito de Beja.
2. No lugar dito de “Pedreira”, Michel Giacometti vai registar um canto funcional do trabalho, “A Moda da Lavoura”, e a RTP está presente para recolher, simultaneamente, as Vozes e as Imagens do etnólogo e do trabalhador rural, António da Assunção Lopes.
3. “Moda da Lavoura” é a designação sul-alentejana de um canto de “afago e incitamento” dirigido aos animais no duro trabalho da lavra. Tais cantos existiram em quase todo o país. A desintegração da velha sociedade rural e a mecanização da lavoura fazem com que hoje se encontrem apenas em zonas mais remotas: no Alto Minho (onde são designados por “aboios”, “toadilhas de aboiar” ou de “afougar”), na Beira-Alta e na Beira Baixa e, mais raramente, no Baixo Alentejo. Daí, portanto, a necessidade da sua recolha urgente.
4. É de origem muito remota o costume de cantar aos animais nas mais diversas tarefas agrícolas onde são utilizados, e no Antigo Egipto, por exemplo, o canto tinha o poder de proteger os animais e as colheitas. Na trilha ou debulha do grão, os camponeses de várias zonas do mundo mediterrâneo acreditavam que, se deixassem de cantar, os animais afrouxariam no trabalho.

5. A “Moda da Lavoura” de Vila Verde de Ficalho pertence a este tipo de canto que, não se sujeitando a compasso nenhum e usando ritmos livres se ornamenta com melismas vivos e de difícil execução. Trata-se, por certo, de um dos estilos mais singulares e mais interessantes do nosso repertório folclórico e que encontra paralelo nas músicas da África Mediterrânea e do Oriente.

6. (Para intercalar se necessário onde melhor couber):

O que cantou o António de Assunção Lopes:

*Nestes campos solitários  
Onde a desgraça me tem,  
Brado, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém.*

*A vida do almocreve  
É uma vida arriscada,  
Ao descer uma ladeira,  
Ao cerrar uma carrada!*

## 2.º PROGRAMA

### A FESTA DA SANTA CRUZ NA ALDEIA DA VENDA

Alto Alentejo — 23 de Agosto de 1971



Filme realizado com a colaboração do Círculo Cultural de Estremoz

**1.** A RTP registou com Michel Giacometti a Festa da Santa Cruz na Aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, conselho do Alandroal, distrito de Évora.

**2.** A Festa da Santa Cruz fez parte do ciclo das festas do mês de Maio, festas da Primavera, cuja tradição se perpetuou desde a Antiguidade. Festejar o regresso do sol fecundante, do renovo da vegetação, foi em todas as eras uma imperiosa necessidade humana. Vários usos, costumes e crenças, que escondem uma origem comum antiga, confirmam a importância do mês de Maio e, especialmente, do primeiro dia deste mês, nas mais diversas civilizações.

**3.** Assim, os Hebreus celebravam a festa dos Tabernáculos no primeiro de Maio, dia em que começava o ano para as sociedades célticas. Em Roma, o mês de Maio era o mês dos Lémures, que o *pater familias* devia conjurar com o rito purificador. Mais tarde, a Igreja Católica pôs o mês de Maio sob a protecção da Virgem. Mais tarde ainda, por reminiscência de ritos populares antigos, o primeiro de Maio tornou-se festa do Trabalho.

**4.** A Festa da Santa Cruz de Aldeia da Venda inclui-se, portanto, neste ciclo de festas do mês de Maio, que em todo o país deram ocasião a manifestações diversas, conhecidas por Festas de Maio ou das Maias.

Esta festa tinha variantes mas, em geral, constava da coroação, no primeiro de Maio, de uma rapariga de 10 a 12 anos, a “Maia”, que se enfeitava com um vestido branco, jóias, fitas e flores, sendo colocada num trono florido em frente do qual se dançava durante todo o dia. Nesse mesmo dia, toda a gente se levantava cedo para evitar que o “Maio” os encontrasse na cama.

**5.** A festa da Santa Cruz da Aldeia da Venda realizava-se normalmente no primeiro Domingo de Maio, estando a sua organização a cargo de uma comissão local e sem a intervenção de qualquer autoridade civil ou eclesiástica. No entanto, nestes últimos anos pecava por irregularidades. Em 1967, Michel Giacometti convenceu os organizadores e, resolvidos alguns problemas financeiros, graças à colaboração do Círculo Cultural de Estremoz, a festa organizou-se sem mais dificuldades e com o auxílio espontâneo da população. O etnólogo recolheu na ocasião uma abundante documentação. Mas faltava o suporte indispensável de imagem filmada. Em 1970, a RTP acompanhou Michel Giacometti e registou as Vozes e as Imagens que hoje apresentamos.

**6.** A festa consiste sinteticamente no encontro de dois grupos de pessoas. O primeiro, composto por “Madalena” e as suas duas “Madrinhas”, quatro “cantadeiras”, três “anjinhos” e seis “atiradores”, sai de uma casa enfeitada apenas com duas palmas em arco, a que chamam a casa da Madalena. A este grupo inicial juntam-se todos os moradores do sítio. Madalena vai à frente, levando o sudário, rodeada das suas madrinhas. O segundo grupo é composto pelas mordomas, que levam uma cruz, acompanhada das mesmas figuras que integram o primeiro grupo, mais os moradores do sítio onde fica a casa da Santa Cruz, ricamente enfeitada com flores, imagens piedosas e jóias de toda a espécie, emprestadas pelo povo da localidade e das redondezas.

**7.** Os dois grupos saem ao mesmo tempo das respectivas casas, ao sinal de uma descarga de espingarda. As cantadeiras dos dois grupos iniciam o canto cerimonial. As vozes estridentes, o acompanhamento das pandeiretas, cuja pele não é percutida mas friccionada com a ponta dos dedos, os disparos dos atiradores reforçam o carácter digamos “exótico” (exótico entre aspas) da festa.

**8.** Incansavelmente, e sempre no mesmo tom estridente, as cantadeiras cantam versos de tradição oral:

*Alegre-se todo o mundo  
Que apareceu o “escondido”  
Uma cruz tão bem composta  
Representa Jesus vivo*

**9.** No terreiro do encontro, executa-se todo o ritual complexo, que tem sido ensinado às jovens participantes por uma mulher de idade, a “mestra”. Por fim, as respectivas madrinhas procedem à troca de sudário e da cruz entre Madalena e a mordoma. Os dois grupos juntam-se e dirigem-se para a casa da Santa Cruz. Acabou a cerimónia, que terá durado algumas três horas.

Nota por sua vez exótica, neste ambiente como que surgido fora do tempo presente: uma orquestra das vizinhanças ataca, sem transição, uma música *pop*: a juventude prepara-se para um baile campestre, que se prolongará pela noite fora.

### 3.º PROGRAMA

#### FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO EM SALIR

Algarve — 6 de Setembro de 1971



1. Salir, freguesia do concelho de Loulé, distrito de Faro.
2. A RTP vai registar o repertório de um tocador de flauta travessa, o Senhor José de Sousa, construtor do instrumento.
3. A imagem filmada virá mais uma vez completar e enriquecer a recolha sonora realizada por Michel Giacometti em 1962.
4. Aqui temos algumas imagens do inquérito preliminar a cargo do realizador do programa, Alfredo Tropa.
5. O inquérito prolongou-se pela tarde fora, para, depois de breve interrupção, recomeçar à noite, na presença de boa parte da população. Mas o imprevisto ia surgir: um cantor popular, informado da presença em Salir da RTP, percorre a pé, não sabemos quantas léguas, para nos apresentar as suas “histórias”, que, no seu dizer, “irão ter à televisão, custe o que custar”.
6. Aqui está ele, viola a tiracolo, obstinado e convencido. E como recusar uma colaboração tão insistente?!
7. O nosso homem tem veia, imaginação e dotes inegáveis de contador.
8. Existem ainda na nossa terra homens com o espírito aberto à fantasia quando não ao fantástico, cuja função como que natural é divertir os seus conterrâneos. Nos serões

ou nas ocasiões propícias eles aparecem, percorrendo os caminhos da noite para, de terra em terra, ressuscitarem imagens de um tempo em que “Deus viajava pelo Mundo”. Mas tais homens, que são a memória colectiva dos povos, têm uma função paralela de libertação do espírito, pela distorção dos quadros lógicos (o surrealismo não terá os seus antepassados na imaginação popular?). Tais homens têm ainda uma função não menos importante de informação e de crítica, isto é, uma função educativa.

O interesse desta intervenção não é apenas anedótica. A televisão, que assumiu no mundo o papel difícil destes vagabundos da cultura popular, registou a presença de um seu... diremos “antepassado” e, numa dialéctica do fantástico, vai devolver ao povo, mediante o alambique da sua técnica maravilhosa, as imagens que nesta noite memorável viveu o povo de Salir.

## 4.º PROGRAMA

### A ORAÇÃO DAS ALMAS EM SÃO BENTO DO AMEIXIAL

Alto Alentejo — 20 de Novembro de 1972



Programa realizado com a colaboração do Círculo Cultural de Estremoz

1. A RTP encontra-se em São Bento do Ameixial, freguesia de cerca de 480 habitantes do concelho de Estremoz, distrito de Évora, para recolher, com Michel Giacometti, a “Oração das almas”.
2. As “Orações das almas” são geralmente variantes das tradicionais “Encomendações das almas”, cuja cerimónia se realizava outrora em quase todo o país.
3. As “Encomendações das Almas”, provavelmente sobrevivência de um costume medieval, podem ser definidas como uma prática religiosa, especificamente portuguesa, visando a salvação das almas do purgatório.
4. As Encomendações realizavam-se e realizam-se, se ainda se ainda perduram, em zonas bastante remotas do Alto Minho, Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa, na Quaresma, pela noite fora, tendo por protagonistas um grupo (homens, mulheres ou grupo misto), ou uma pessoa só, que cantam em estilo plangente. O canto, que, por vezes, tinha que ser ouvido em 7 freguesias, é entoado em lugares altos, nas encruzilhadas ou às portas dos cemitérios.
5. As orações das almas, embora visando o mesmo fim — a salvação das almas do purgatório —, não são, por via de regra, cantadas na Quaresma, mas sim no mês de Novembro,



mês dos Fiéis Defuntos, noite do dia 26. Tal é o caso das “Devoções das almas” do distrito de Aveiro ou ainda da própria “Oração das almas” de Monte da Cabeços” (Alcoutim, Algarve), que serão apresentadas, uma e outra, nos nossos próprios programas.

**6.** A “Oração das almas” de S. Bento do Ameixial apresenta características que a diferenciam das tradicionais “Orações das almas”: cantada nas noites de 31 de Dezembro e 5 de Janeiro, assume, deste modo, a forma de um canto de peditório, à maneira das Janeiras e dos Reis, cujas funções, por assim dizer, assimilou. Aqui temos portanto um exemplo significativo das transformações a que são sujeitos os fenómenos de cultura: no caso, um canto que sobrevive a si próprio, adquirindo uma nova função.

**7.** Como podemos observar, trata-se de um canto responsorial: dois homens respondendo a dois homens. A alternância procede por imbricação, isto é: o final da primeira entrada sobrepõe-se ao começo da segunda. Outra particularidade: cada verso tem que ser cantado de um só fôlego. Daí a posição das mãos no peito que, segundo os informadores, permite controlar a expulsão do ar.

Michel Giacometti lembra ainda, para fechar este programa: “É necessário e urgente que se processe entre nós e por todos os meios disponíveis, a recolha sistemática da nossa música regional. Ao perderem-se os traços fisionómicos da nossa tradição musical, teremos conscientemente obliterado, e para sempre, parcelas vivas de uma realidade que o nosso povo exprime com força e verdade. Se assim for, torna-se evidente que qualquer análise futura dessa mesma realidade deverá pecar forçosamente por graves carências de detrimento dessa verdade.»